

Construções paratáticas em Libras

Paratactic constructions in Libras

Jair Barbosa da Silva

UFAL

Rodrigo Nogueira Machado

UFC

Ronice Müller de Quadros

UFSC

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever as construções paratáticas em Libras: conjuntivas, disjuntivas e adversativas, tomando como corpus de análise os dados do Inventário Nacional da Libras dos estados de Alagoas, Ceará, Santa Catarina e Tocantins. O estudo tem como base teórica o Funcionalismo, especialmente os conceitos propostos por Hopper e Traugott (1993) e Halliday (2014). Trata-se de um estudo descritivo, de cunho qualitativo, em que os complexos oracionais foram investigados tal como aparecem na língua em uso. O trabalho está subdividido em: i) introdução - apresentação geral da temática; ii) base teórica sobre parataxe - principais conceitos, parataxe em línguas de sinais, parataxe em Libras; iii) aspectos metodológicos - exposição da metodologia utilizada e tratamento dos dados; iv) discussão - análise dos dados selecionados com base nos teóricos que fundamentam o trabalho; v) considerações finais - reflexões sobre os achados do trabalho e perspectivas de pesquisas futuras.

Palavras-chave: Articulação de orações; Parataxe; Relações lógico-semânticas; Libras.

Abstract: This article aims to describe paratactic constructions in Libras: specifically conjunctive, disjunctive, and adversative types, drawing on data from the *Inventário Nacional da Libras* collected in the states of Alagoas, Ceará, Santa Catarina, and Tocantins. The study is grounded in Functionalist theory, particularly the frameworks proposed by Hopper and Traugott (1993) and Halliday (2014). It adopts a descriptive, qualitative approach, examining clause complexes as they occur in natural language use. The article is structured as follows: (i) an introduction that provides an overview of the topic; (ii) the theoretical background on parataxis, including core concepts, parataxis in sign languages, and parataxis in Libras; (iii) methodological procedures, detailing the analytical approach and data treatment; (iv) discussion of the selected data in light of the theoretical foundations; and (v) final considerations, which present reflections on the findings and outline directions for future research.

Key-words: Articulation of sentences; Parataxis, Logical-semantic relations; Libras.

Síntese em Libras



Acesso ao link:

https://drive.google.com/file/d/1nNKdrWF2hHgUZELi6cLPQRsUatrphfB9/view?usp=drive_link

Introdução

Como já referido em Quadros, Silva e Machado (2023), os mecanismos de estruturação das orações nas línguas naturais é um processo complexo que envolve aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos e discursivos. Nessa mesma linha de pensamento, Halliday (2014) vai falar de alinhamento das construções sintáticas, ou seja, há uma série de recursos envolvidos na construção das orações complexas, a exemplo da hipotaxe e da parataxe, ao mesmo tempo.

Embora os estudos linguísticos de base funcionalista tenham se dedicado aos fenômenos da hipotaxe e da parataxe em línguas orais há algum tempo, poucas descrições nessa perspectiva tratam das línguas de sinais. No caso específico da Libras, autores brasileiros têm se destacado nessa empreitada, focando numa descrição dessa língua com base em *corpora*, como o fazem Rodrigues (2019) - adversativas; Quadros et al. (2021) - hipotaxe, parataxe e adversativas; Ludwig, Quadros e Santos (2022) - hipotaxe; Ludwig, Quadros e Silva (2022) - hipotaxe; e Quadros, Silva e Machado (2023) - parataxe, para citar algumas investigações.

A Libras, nos últimos anos, têm sido documentada em diversos estados brasileiros, por meio do *Corpus da Libras*, projeto que integra o Inventário Nacional da Diversidade da Libras (INDLibras). O estudo apresentado neste artigo resulta de análises de orações paratáticas produzidas de quatro estados brasileiros: Alagoas, Ceará, Santa Catarina e Tocantins. Os

pesquisadores utilizam dados dos quatros estados a fim de ampliar as análises já realizadas sobre parataxe, com um número mais robusto de dados, o que propicia generalizações mais consistentes sobre o tema. Conforme descrito por Ludwig e Quadros (2026), neste volume, o estudo ora apresentado está ancorado no arcabouço teórico da Linguística Funcional.

1. Parataxe

Halliday (2014) apresenta importante conceito sobre a articulação das unidades oracionais: *taxe*, ou seja, o grau de interdependência entre as unidades. Diz o autor: “*All clauses linked by a logico-semantic relation are interdependent: that is the meaning of relational structure – one unit is interdependent on another unit*” (p. 438). Neste sentido, duas orações interdependentes podem ter igual *status* estrutural, parataxe, ou *status* desigual, hipotaxe.

Em síntese, o linguista estabelece

Degree of interdependency is known technically as taxis; and the two different degrees of interdependency as parataxis (equal status) and hypotaxis (unequal status). **Hypotaxis** is the relation between a dependent element and its dominant, the element on which it is dependent. Contrasting with this is **parataxis**, which is the relation between two like elements of equal status, one initiating and the other continuing (Halliday, 2014, 440)

O falante lança mão em seu discurso de estratégias paratáticas e/ou hipotáticas para compor um complexo oracional, dando origem a uma série de eventos cujas relações lógico-semânticas que os compõem são de natureza diversa: temporal, concessiva, adversativa, causa, condição, razão, reformulação (justaposição), dentre outras. Sob essa perspectiva, Halliday (Op. Cit. p. 442) vai apresentar o conceito de *nexo*, ou seja, o fato de que um complexo oracional é formado por meio de relações táticas, em que pares de orações dão origem a uma cadeia interdependente sempre composta por uma oração primária e uma secundária, podendo ser paratática (iniciadora/continuadora) ou hipotática (dominante/dependente).

Quadro 1 - Orações primárias e secundárias em nexos oracionais

Taxe	Primárias	Secundária
<i>Parataxe</i>	Iniciadora	Continuadora
<i>Hipotaxe</i>	Dominante	Dependente

Adaptado de Halliday (2014).

Como o foco neste artigo são as construções paratáticas da Libras, as orações com nexo do tipo *dominante/dependente* não serão aqui descritas, sendo nosso alvo as construções cuja relação tática dá-se por meio do esquema *iniciadora/continuadora*.

Quadros *et al.* (2023), a título de ilustração, considerem-se os seguintes exemplos em Libras:

(1) Conjuntiva

(Quadros *et al.* 2023, p.136)

1IR(escola) 3AJUDAR1+ IX(3) 3FALR-ORAL1 TAMBÉM 3FALAR-ORAL1 IX(3)

Eu fui para a escola que sistematicamente me dava suporte e eles falavam comigo (oralmente), sim, eles também falavam comigo (oralmente).

(2) Disjuntiva

(Quadros *et al.* 2023, p. 144)

É APAE(c) IX(c) OU OUTRA ESCOLA

Era APAE ou outra escola (inclusiva).

(3) Adversativa

(Quadros *et al.* 2023, p. 143)

IX(1) TER INTERAGIR MAS-NÃO EXEMPLO NÃO TAMBÉM OBRIGAR
PARECER CERTO FORMAL

Eu interagia, mas não era por exemplo algo obrigatório como sendo formal

Nos três exemplos descritos por Quadros *et al.* (2023), o nexos entre as orações são justamente compatíveis com o que Halliday denomina de *iniciadora/continuadora*, em que há uma sentença, do ponto de vista estrutural, que inicia o evento discursivo, sendo a segunda sentença a continuidade do evento, com igual *status*, havendo entre elas relações semânticas de interdependência, mas não sintática.

Dentro das relações lógico-semânticas, dois outros conceitos importantes apresentados por Halliday (2014) são: a) expansão; e b) projeção. Aquele diz respeito ao fato de uma oração secundária poder *elaborar*, *expandir* ou *aprimorar* a oração primária ou principal, já o segundo, refere ao processo em que a oração secundária é projetada pela principal por meio de uma *locução* ou de uma *ideia*.

Embora essas relações não sejam exclusivas da hipotaxe ou da parataxe, pode-se inferir que alguns subtipos são mais propensos à parataxe, ou ainda ambas as estruturas sintáticas, o que pode ser evidenciado a partir da explicitação de cada subtipo:

i) Expansão

- a) *elaboração* - uma cláusula expande outra ao elaborá-la (ou parte dela): reafirmando em outras palavras, especificando com mais detalhes, comentando ou exemplificando.
- b) *extensão* - uma cláusula expande outra estendendo-se além dela: adicionando algum novo elemento, abrindo uma exceção a ela ou oferecendo uma alternativa.
- c) *aprimoramento* - uma cláusula expande outra embelezando-a: qualificando-a com alguma característica circunstancial de tempo, lugar, causa ou condição.

ii) *Projeção*

- a) *locução* - uma oração é projetada através de outra, que a apresenta como uma locução, uma construção de redação.
- b) *ideia* - uma oração é projetada através de outra, que a apresenta como uma ideia, uma construção de significado.

Do que foi posto até aqui, convém destacar que as chamadas estruturas táticas (interdependentes) propostas por Halliday têm por foco os complexos oracionais univariados (em oposição aos multivariados) e englobam a hipotaxe e a parataxe.

Dentro do quadro teórico geral que se rotula por Funcionalismo, outras abordagens são possíveis para fenômeno da articulação das orações, como demonstrado por Quadros, Silva e Machado (2023), amparados pela proposta de Hopper e Traugott (1993), em que o princípio da gradiência está no esteio dos processos de articulação das sentenças nas línguas (ver também Ludwig e Quadros, 2026, neste volume para uma introdução geral sobre este modelo).

Quadro 2: Tipos de orações complexas

PARATAXE	HIPOTAXE	ENCAIXADA
- dependente	+ dependente	+ dependente
- encaixada	- encaixada	+ encaixada

(Hopper & Traugott, 1993, p. 170)

Embora reconhecendo que há diferenças de abordagem entre as propostas de Halliday (2014) e Hopper e Traugott (1993) em certos pontos, em ambas as propostas há também aproximações e mesmo diálogos. A língua em uso é objeto de estudo desses teóricos e as relações de articulação das orações constituem fenômeno linguístico a ser descrito. Em razão do exposto, as análises sobre parataxe na Libras a serem realizadas estabelecerá diálogo com o que propõem Halliday (2014) e Hopper e Traugott (1993).

Na seção a seguir, serão reunidos resultados de pesquisas sobre parataxe em Libras, bem como o processo de coordenação em outras línguas de sinais. Apesar do reconhecimento de que coordenação e parataxe não se inscrevem no mesmo campo conceitual, a coordenação

é descrita em diversas línguas de sinais que não a Libras e isso, de alguma forma, pode fornecer subsídios para nossas investigações.

1.1 Parataxe (ou coordenação) em LS

Ao se fazer uma incursão sobre os estudos descritivos acerca da sintaxe das línguas de sinais no mundo, é comum se encontrar a clássica (no sentido grego e latino mesmo) subdivisão: coordenação e subordinação. Destacam-se, nesta perspectiva, os trabalhos de Padden (1988), sobre a língua americana de sinais; van Gijn (2004), sobre a língua de sinais dos países baixos; Johnston e Schembri (2007), sobre a língua australiana de sinais; Tang e Lau (2012), sobre a língua de sinais de Hong Kong; Quer *et al.* (2017), no material intitulado SignGram Blueprint, cuja função servir de ferramenta para orientar linguistas para a elaboração de gramáticas de referência em línguas de sinais; Zorzi (2018) - foco na coordenação - sobre a língua catalã de sinais; Branchini *et al.* (2020), sobre a língua italiana de sinais.

Em linhas gerais, esses pesquisadores encontram semelhanças estruturais quanto à organização interna das sentenças denominadas coordenadas nas línguas de sinais, a saber: a) um número significativos das sentenças coordenadas em línguas de sinais se dá por justaposição, portanto, sem a presença de conectivos, e, nesses casos, as marcas não manuais são descritas como recurso à disposição da sintaxe dessas línguas para adicionar, disjuntir ou contrapor informações; b) há, em outros casos, conectivos que são usados unir sentenças simples, formando sentenças coordenadas. A presença dos conectivos não exclui as marcas não manuais, o que é entendido como coocorência de marcação gramatical - manual e não manual. Os conectivos, em geral, expressam relações semânticas de adversidade, alternância ou de adição entre uma sentença X e uma Y. Vejam-se, a título de exemplificação os casos apresentados por Branchini *et al.* (2020, p. 573-575) para a língua de sinais italiana:

(4) LAURA WINE DRINK WANT BUT FATHER WANT NOT

(https://edizionicafoscari.unive.it/grammatica-lis/media/video/gr-lis-5-3_1_2_12_laurawinedrinkwantbutfatherwantnot.mp4)



BUT (MAS) - com duas mãos

(5) MARCO MONEY SASS(5): 'size_big' MONEY BANK DEPOSIT OR EGYPT TICKET PLANE BUY

(https://edizionicafoscari.unive.it/grammatica-lis/media/video/gr-lis-5-3_1_2_13_marcomoneysass5sizebigmoneybankdepositoregyptticketplanebuy.mp4)



OR (OU)

(6) L-A-U-R-A BOOK READ PLUS C-A-R-L-O TELEVISION SEE

(https://edizionicafoscari.unive.it/grammatica-lis/media/video/gr-lis-5-3_1_2_11_laurabookreadpluscarlotellevisionsee.mp4)



PLUS (E)

Os estudos sobre coordenação abordando as mais diversas línguas de sinais, por vezes, apresentam terminologias diversas, o que é justificável em razão de vinculações teóricas dos pesquisadores e as respectivas metodologias usadas para a investigação sobre o tema. Assim, nem sempre os tipos de coordenação recebem as mesmas denominações e, embora haja pontos de convergência entre coordenação e parataxe, trata-se de duas abordagens cujas bases teóricas são diferentes, logo a compreensão do fenômeno que une duas ou mais sentenças

hierarquicamente independentes (coordenação) ou sentenças com *status* equivalentes e semanticamente interdependentes (parataxe) pode divergir substancialmente.

1.2 Parataxe em Libras

Os estudos sobre a sintaxe da Libras têm evoluído de forma significativa desde a década de 1980. Temas importantes/necessários como ordem, concordância, sempre voltados para a sentença simples, dão lugar a descrições cujo foco repousa, agora, sobre relações mais profundas da arquitetura estrutural da língua: as sentenças complexas - parataxe, hipotaxe, orações encaixadas, coordenação, subordinação, com destaque para a utilização de dados linguísticos de fala dos/as surdos/as.

Silva (2019), pesquisadora surda, se propôs a estudar estruturas coordenadas aditivas e adversativas em Libras, ancorada no escopo da gramática gerativa. A autora usa dados de diversas fontes, especialmente de mídias sociais, configurando-se como uma investigação cujos dados provêm de usos reais da língua (Libras). Embora o estudo de Silva (2019) se autodenomine de perspectiva gerativista, os dados não foram analisados/explicados à luz da teoria da gramática, o que não invalida as descrições realizadas no texto, especialmente em se pensando no aprofundamento das pesquisas sobre o tema.

Rodrigues (2019), dedica-se à descrição das propriedades sintáticas e semânticas das orações adversativas (que são paratáticas) a partir do quadro teórico funcionalista. A autora lança mão de dados espontâneos para suas descrições, feitas sob a perspectiva de Lakoff (1971) e Sweetser (1990), chegando à conclusão de “que as orações adversativas em Libras atuam nos domínios epistêmico e dos atos de fala, além de veicularem valores de contraexpectativa, retificação e negação” (Rodrigues, 2019, p. 99).

Carneiro, Khouri e Ludwig (2020), ao apresentarem um panorama sobre a articulação de orações em Libras, categorizam a parataxe em três tipos: aditiva, adversativa e alternativa. Os autores, a partir de dados de fala, demonstram algumas possibilidades de estruturas paratáticas em Libras, com conectivos (MAS e OU) ou apenas com o uso de justaposição e enfatizam que marcas não manuais, a exemplo do uso do espaço e do corpo, no espaço, como estratégias para demarcar relações paratáticas na Libras. Os pesquisadores concluem que os mesmos princípios funcionais que regem as línguas orais se fazem presentes nas línguas de sinais. Seguindo a mesma perspectiva de descrição das orações complexas da Libras, Carneiro,

Khoury e Ludwig (2023), com inserção de novos dados, oriundos do Corpus de Libras, ratificam os achados de sua pesquisa de 2020.

Quadros *et al.* (2021), Quadros *et al.* (2023), Quadros, Silva e Machado (2023), Quadros, Machado e Silva (2025) têm se dedicado a descrever as estruturas paratáticas das Libras a partir de dados de fala dessa língua provenientes do Corpus da Libras, inicialmente do subprojeto *Surdos de Referência*, a partir de uma perspectiva funcionalista e chegaram às seguintes conclusões: i) as orações paratáticas não apresentam relação de dependência estrutural (sintática), mas são combinadas para encadear ideias, o que prevê interdependência semântica (Quadros, Machado e Silva, 2025); ii) as orações paratáticas na Libras podem ser agrupadas em três grupos estruturais: conjuntivas, disjuntivas e adversativas, sendo cada grupo marcado por um conectivo ou apenas por marcas não manuais.

Por fim, em recente pesquisa de mestrado, Chiodi (2025) se dedica ao estudo da coordenação em Libras, com vistas a aspectos sintáticos e semânticos, tendo como objeto de análise dados do Corpus de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina e do Grupo de Pesquisa em Línguas de Sinais da UNESP (SignL). Para a autora, a “pesquisa pretendeu apresentar, com base em nossos corpús, elementos que contribuem para a construção das relações de coordenação aditiva, disjuntiva e adversativa na libras” (Chiodi, 2025, p. 102). Em que pesem as diferenças terminológicas, os resultados da pesquisa realizada por Chiodi se coadunam com os apresentados por Quadros *et al.* (2021), Quadros *et al.* (2023), Quadros, Silva e Machado (2023), Quadros, Machado e Silva (2025).

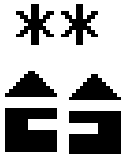
2. Aspectos metodológicos

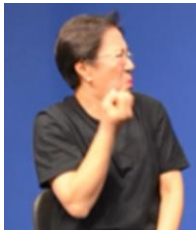
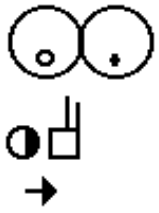
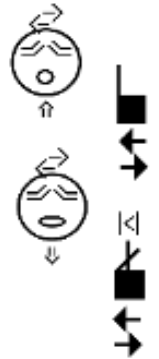
O estudo conduzido seguiu a metodologia do grupo de pesquisa do Inventário Nacional da Diversidade Linguística da Libras (INDLibras) introduzido no artigo por Quadros e Ludwig (2026) (neste volume). A partir da identificação das orações paratáticas produzidas pelos participantes da pesquisa nos quatro estados brasileiros, Alagoas, Ceará, Santa Catarina e Tocantins, categorizamos os tipos de parataxe e analisamos as produções para identificar os padrões usados por cada participante, considerando possíveis diferenças regionais, de gênero e de faixa etária. Os dados indicam uma estabilidade sintática da Libras, pois todos os participantes utilizam os mesmos conectores e marcadores não-manuais, exceto por um conector específico usado no estado do Ceará de construções paratáticas conjuntivas, conforme já ilustrado no artigo de Quadros e Ludwig (2026) (neste volume).

Embora nosso esteja pautado numa metodologia de cunho qualitativo, dos dados transcritos até o momento de elaboração deste texto, foram encontradas, na soma dos quatro estados, um total de 191 (cento e noventa e uma) construções paratáticas. Por uma questão de espaço e diretrizes para a elaboração do artigo, bem como pela repetição de estruturas oracionais análogas, optou-se por um recorte em que serão descritas 6 (seis) complexos oracionais paratáticos, sendo cada grupo - conjuntiva, disjuntiva e adversativa - apresentado com 2 (duas) ocorrências, uma com conectivo e outra com marcador não manual.

Com base nos dados disponíveis de orações paratáticas, identificamos os conectivos seguintes:

Quadro 3: Conectivos marcadores de parataxe em Libras

Tipo de parataxe	Conectores	Imagem	SW
Conjuntivas	TAMBÉM		
	TAMBÉM-2		
	TAMBÉM-3		

Disjuntivas	OU		
	IX(alternado)		
Adversativa	MAS		
	MAS-2		
	MAS-3		
	NÃO-É		

	PALM-UP		
--	---------	--	---

Além dos conectores identificados, encontramos marcações não manuais que foram listadas no capítulo de Quadros e Ludwig (2026, neste volume). Os sinalizantes utilizam tais marcadores associados uns aos outros empacotando um conjunto de expressões não manuais para produzir orações paratáticas sem conectores explicitamente realizados. Alguns marcadores não manuais são mais acentuados em cada tipo de oração, conforme será apresentado nas análises.

3. Discussão

Os estudos sobre as estruturas paratática em Libras têm demonstrado regularidades construtivas da sintaxe dessa língua. Conforme quadro 4 anterior, os sinais que compõem o inventário dos conectivos paratáticos em Libras são: TAMBÉM, TAMBÉM-2 e TAMBÉM-3 (conjuntivas); OU e IX (alternado) (disjuntivas); MAS, MAS-2, MAS-3, NÃO-É e PALM-UP (adversativas). Para além das ocorrências com conectivos, há uma série de sentenças que se justapõem umas às outras apenas por meio de marcas não manuais. Convém destacar que a ocorrência de algum conectivo ligando as sentenças não exclui a marca não manual, havendo, nesses casos, uma coocorrência de marcação (manual e não manual) ou uma estratégia de sobreposição dos marcadores paratáticos, o que é decorrente da modalidade da língua.

A análise dos dados aqui realizada é de cunho qualitativo-descritivo, em que se toma como foco a descrição de dados representativos de cada grupo paratático encontrado no *corpus*. Em termos apresentacionais, serão expostos, para cada tipo de partática, dois exemplos, sendo um sindético e um assindético.



(7) TAMBÉM

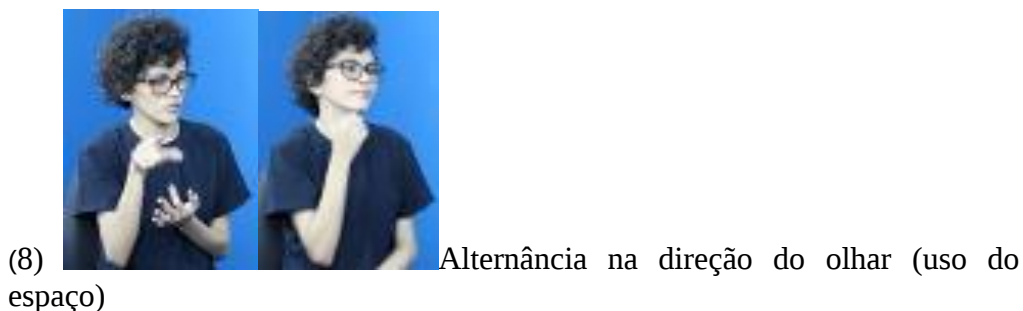
ENTÃO AGORA IX-eu APRENDER SINAL TAMBÉM CONSEGUIR DV-indicador-cabeça
FUNCIONAR POSITIVO-2 LÍNGUA-DE-SINAIS DV-frente MELHOR-2 AGORA
PASSADO NÃO

Em (1) há um caso evidente em que duas orações são articuladas entre si por meio do conectivo TAMBÉM. Dados como este foram encontrados nos *corpora* de todos os estados estudados: Alagoas, Fortaleza, Santa Catarina e Tocantins. Embora este estudo não tenha a pretensão de criar células como se faz nas pesquisas em Sociolinguística, observou-se que, independente de grupo etário, gênero ou região, o conectivo TAMBÉM faz parte da gramática da Libras. Merece destacar as formas variáveis por meio das quais o item se apresenta na Libras (Cf. Quadro 4).

Trata-se de um uso típico de parataxe, em que duas orações semanticamente interdependentes se estruturam formando um complexo oracional nos termos propostos por Halliday (2014) do tipo iniciadora/continuadora, ou seja, “ENTÃO HOJE IX-eu APRENDER SINAL” inicia o evento discursivo e CONSEGUIR DV-indicador-cabeça “FUNCIONAR POSITIVO-2 LÍNGUA-DE-SINAIS DV-frente MELHOR-2 AGORA PASSADO NÃO” dá continuidade ao evento. O conectivo TAMBÉM estabelece nexos entre as duas porções do discurso e, semanticamente, tem por função adicionar informação. Ainda sob a perspectiva proposta por Halliday (2014), um importante conceito é o de expansão, em que a segunda cláusula expande o conteúdo da cláusula primária, seja por elaboração, por expansão ou por aprimoramento. No caso em tela, “FUNCIONAR POSITIVO-2 LÍNGUA-DE-SINAIS DV-frente MELHOR-2 AGORA PASSADO NÃO” expande a cláusula primária, “ENTÃO HOJE IX-eu APRENDER SINAL”.

Esse tipo de organização sintática foi descrito por Quadros *et al.* (2021), Quadros *et al.* (2023), Quadros, Silva e Machado (2023), Quadros, Machado e Silva (2025) como parataxe conjuntiva, com a presença de marcador manual, TAMBÉM, cuja função é conectiva.

Ao tempo em que certos arranjos sintáticos na Libras são articulados por um conectivo, muitos outros o fazem apenas por justaposição de cláusulas, tendo as marcas não manuais como delimitadoras de fronteira sintática, como em (8), a seguir:



FAMÍLIA OUVINTE IX-lá GESTO MÃE PAI-3 LÍNGUA-DE-SINAIS

As línguas de sinais, *per se*, são caracterizadas pela gestualidade, sendo que alguns gestos, denominados de sinais, constituem o léxico dessas línguas, outros carregam informações gramaticais, discursivas, prosódicas, e um outro grupo constitui a gestualidade da linguagem humana, que vai fazer parte, inclusive, das línguas orais.

Em (8), a usuária de Libras usa o espaço para marcar os eventos discursivos e a direção do olhar remete a um e outro evento. Há, além disso, discreto deslocamento do eixo do tronco, da direita para a esquerda, como marcas de cláusula primária, “FAMÍLIA OUVINTE IX-lá GESTO” - direção do olhar + direita, e, para a cláusula secundária, “MÃE PAI-3 LÍNGUA-DE-SINAIS” - direção do olhar + esquerda. O complexo oracional, neste caso, é formado por uma cláusula secundária que expande a primária, sem haver entre elas a presença de conectivo caracterizado por marca manual. O nexos da cláusula continuadora com a iniciadora se dá de forma assindética.

Em (7) e (8), portanto, há casos de parataxe em que o nexos entre as orações ocorre de forma marcada por um sinal manual (7) ou apenas por justaposição de orações (8), sendo as relações semânticas importantes para a caracterização da estrutura sintática. Dito de outra forma, não é a estrutura sintática, estrito senso, que determina a parataxe, mas também aspectos semânticos inerentes ao discurso do falante. Aspectos como expansão e projeção do discurso pautam, por assim dizer, as relações táticas (Halliday, 2014).



(9) Mouthing + uso do espaço

EU GOSTAR MUITO FALAR EU RESUMIR

Um aspecto importante que deve ser considerado quando do estudo sintático das línguas de sinais é a segmentação, isto é, onde começa e onde termina uma sentença para começar outra. Algumas pistas, no momento da transcrição dos dados, auxiliam o pesquisador: presença de verbos plenos, uso do espaço (a serviço da sintaxe), movimentos de cabeça e de tronco, direção do olhar, direção do sinal, dentre outros. Em (9), a cláusula iniciadora, EU GOSTAR MUITO FALAR, estabelece nexos com a continuadora, EU RESUMIR, e esta contrapõe-se, em termos de conteúdo semântico, ao que é apresentado na primeira oração, configurando um caso de parataxe adversativa, de forma assindética.

Destacam-se, nesse complexo oracional, as marcas não manuais usadas pela sinalizante para organizar as sentenças, especialmente a elevação dos olhos (Fig. 1), marcando no espaço horizontal o limite/direção para onde vai a sua mão dominante ao realizar o que seria equivalente a *falar demais*, cuja realização tem início sobre a coxa esquerda da informante e termina à altura do topo da cabeça (Fig. 2). A partir daí, a cláusula iniciadora se encerra, com a marca prosódica de *pisca de olhos*, amplamente descrita na literatura de língua de sinais como marca de fronteira de sentenças, e dá-se início a cláusula continuadora, fechando-se o complexo oracional.



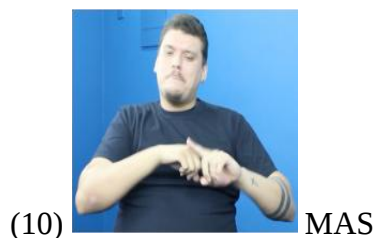
Fig. 1



Fig. 2

As orações hipotáticas adversativas podem, pois, ocorrer sem a presença de marcas manuais, sendo a informação semântica fundamental para se identificar a adversidade, ou, conforme Rodrigues (2019), uma adversativa com valor negativo.

Considere-se (10), a seguir:



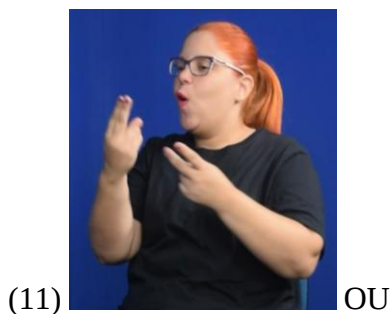
ENTÃO ÓBVIO FORMAR FS-cedo ANTERIORMENTE MAS TER FS-motivo

Trata-se de um caso prototípico de hipotaxe adversativa, em que a conjunção MAS estabelece nexos entre as orações, contrapondo-as. De modo análogo ao que ocorre hipotática adversativa sem conectivo (9), em (10), nitidamente se observa o *pisca de olhos* marcando a fronteira entre as sentenças, donde se conclui que recursos não manuais vão, também, aparecer nos complexos oracionais em que há marcação pelo conectivo padrão da adversidade, MAS.



Fig. 3.

O último grupo de orações paratáticas é constituído pelas disjuntivas (Quadros *et al.*, 2021; Quadros *et al.*, 2023; Quadros, Silva e Machado, 2023; Quadros, Machado e Silva, 2025). Tanto quanto as conjuntivas e adversativas, as disjuntivas podem aparecer no discurso com ou sem a presença de marcadores manuais. Nos dados analisados dos quatro estados, o conectivo OU é aquele mais usual para conectar esse tipo de oração; por vezes, o IX(alternado) também se configura como estratégia de marcação manual das disjuntivas.



(11) OU

IX(sair) CASA SAIR ENTENDER JÁ V-A-I IR GRUPO ASSOCIAÇÃO OU ESCOLA

Em (11) há um complexo oracional cuja estrutura sintática é marcada pela elisão da forma verbal *IR* na cláusula continuadora: (...) V-A-I IR GRUPO ASSOCIAÇÃO OU [IR] ESCOLA. Como se trata estrutura em que os dois adjuntos circunstanciais se referem ao mesmo verbo (*Ir à associação* e *Ir à escola*), a supressão da forma verbal em Libras é possível tanto quanto em Português, mas, ainda assim, o processo de coordenação se faz presente. A disjunção entre a cláusula iniciadora e a continuadora é marcada pelo conectivo OU, estabelecendo entre as sentenças uma relação semântica de alternância em que uma opção (IR ASSOCIAÇÃO) exclui a outra (IR ESCOLA), configurando a parataxe disjuntiva. Sob a perspectiva de Halliday (2014), o complexo oracional descrito se caracteriza como uma expansão, com extensão de informação contida na sentença primária ou iniciadora e oferecendo-lhe uma alternativa.

As sentenças disjuntivas podem, de igual modo às conjuntivas e adversativas, ocorrer na Libras sem a presença de conectivos. O exemplo (12), a seguir, mostra esse tipo de complexo oracional e as sutilezas com que a língua opera. Nesse contexto, convém destacar a importância dos recursos tecnológicos a fim de se transcrever/anotar dados linguísticos de línguas de sinais, com vistas a uma análise mais consistente e segura das estruturas dessas línguas.



(12) Rotação de ombros

MAS IX-eu PENSAR ANTES? IDADE MAIS-OU-MENOS 11 12 MAIS-OU-MENOS IX-eu CRIANÇA INFLUENCIAR &-gesto LER &-gesto PREJUÍZO

O exemplo (12) é interessante porque sugere que as disjuntivas em Libras, marcadas por conectivo ou não, tendem a fazer elisão do verbo na cláusula continuadora (Cf. exemplo 2). Como o sinal IDADE é ancorado no corpo, dificilmente o sinalizante enuncia algo como “IDADE TER 11[ter] 12. No contexto em discussão, assume-se que a ancoragem do sinal que refere ao termo idade carrega em si a referência a *ter-idade X*. Assim, *IDADE [ter] 11* constitui a sentença iniciadora e *[idade-ter] 12*, a continuadora. Entre as duas sentenças não há conectivo, fazendo-se o nexo entre as duas cláusulas por meio de marcadores não manuais, especificamente rotação de ombros.

4. Considerações finais

As construções paratáticas em línguas de sinais, por vezes chamadas de coordenadas, têm sido objeto de investigação em diferentes países, incluindo o Brasil. Destacam-se, no contexto brasileiro os estudos de Rodrigues (2019) sobre adversativas, as pesquisas de Quadros *et al.* (2021), Quadros *et al.* (2023), Quadros, Silva e Machado (2023), Quadros, Machado e Silva (2025) acerca das paratáticas no geral, bem como a pesquisa de Chiodi (2025).

Os complexos oracionais em Libras, de modo análogo ao que acontece em outras línguas (orais e de sinais), podem aparecer num emaranhado de orações, para usar um termo de Halliday (2014). A segmentação desse emaranhado de orações a fim de descrevê-las, não é atividade simples, sendo os recursos tecnológicos, a exemplo do ELAN, fundamentais no auxílio ao/à linguista. Por se tratar de uma língua de expressão visuogestual, para além de um léxico propriamente dito, há uma série de recursos disponíveis aos/às sinalizantes e que também são linguísticos, a saber: expressões não manuais em geral, classificadores, ação contraída, dentre outros.

Do que os dados nos permitiu enxergar, as construções paratáticas em Libras apresentam as seguintes características estruturais e sociolinguísticas: i) elas têm distribuição geográfica ampla no país - os dados analisados são de um estado do Sul, dois do Nordeste e um do Norte; ii) pelos dados analisados, não é possível afirmar a existência de diferenças significativas pautadas em gênero e em idade dos sujeitos da pesquisa; iii) nos dados dos quatro estados, os sujeitos da pesquisa ora usam conectivos para marcar a parataxe, ora usam apenas marcas não manuais. E, como demonstrado, mesmo quando há a presença de um conectivo, as marcas manuais se fazem presentes, concorrendo em sobreposição às manuais; iv) as construções conjuntivas, disjuntivas e adversativas aparecem nos dados de todos os estados,

com o mesmo estatuto morfossintático (Cf. Quadro 3); v) aspectos semânticos são fundamentais para a estruturação e compreensão das estruturas sintáticas.

Por fim, convém um convite à pesquisa sobre os complexos oracionais em Libras, com foco nas paratáticas e em outras estruturas sintáticas, com dados de diferentes gêneros textuais e com uma quantidade de dados mais robusta, a fim de que generalizações assentadas em dados estatísticos sejam feitas sobre o assunto. Outro ponto importante que deve fazer parte da agenda de estudos sintáticos da Libras são os estudos tipológicos, por meio dos quais diferentes línguas de sinais podem ser descritas e comparadas.

Referências

CARNEIRO, B.; KHOURI, J. I. B.; LUDWIG, C. R. Articulação de orações em Libras: um breve panorama. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n. 26, 2020. p. 153-170.

CARNEIRO, B.; KHOURI, J. I. B.; LUDWIG, C. R. Parataxis, hypotaxis, and subordination in Brazilian Sign Language: a brief introduction. **Linguística** - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto. v.18, 2023. p. 32-64.

CECCHETTO, C.; DONATI, C. GERACI, C. KELEPIR, M.; PFAU, R.; QUER, J.; STEINBACH, M. **SignGram Blueprint: A guide to Sign Language Grammar Writing**. Berlin: De Gruyter, 2017.

GIJN, I. van. **The Quest for Syntactic Dependency: Sequential Complementation in Sign Language of Netherlands**. PhD Dissertation, University of Amsterdam, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. London/New York: Routledge, 2014.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993

KENEDY, E.; OTHERO, G. A. 2018. **Para conhecer – Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: **Clause combining in grammar and discourse**. Editors: Haiman, John and Thompson, Sandra A. John Benjamins. 1988. pp.181-225.

LUDWIG, C.; QUADROS, R. M.; SANTOS, T. C. Hipotaxe Adverbial Temporal na Libras. **ReVEL**, v. 20, n. 39, 2022, [www.revel.inf.br].

LUDWIG, C.; QUADROS, R. M.; SILVA, V. R. As Marcações Não-Manuais na Hipotaxe Adverbial Causal da Libras. **Quintú Quimün. Revista De lingüística**, (6), Q065, 2022, <https://doi.org/10.5281/zenodo.7362044>

LUDWIG, C. R.; QUADROS, R. M. de. Articulações das orações complexas: parataxe, hipotaxe e encaixadas. *Porto Das Letras*, Vol. 12, N. Especial, 2026, p. 11–27. <https://doi.org/10.20873.26lib1>

PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language**. New York: Garland, 1988.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M. *et. al.* Sentenças. In: QUADROS, R. M. (org.). **Gramática da Libras**. Capítulo 4. Tradução de Sonia Marta de Oliveira e Tom Mim Alves. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/?v=videos/Cap%C3%ADtulo%204%20-%20Senten%C3%A7as/4.1+Introdu%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0s+senten%C3%A7as+na+Libras.mp4>

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. (Orgs.). **Gramática da Libras**. Volume II. Petrópolis: Arara Azul/ Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; e MACHADO, R. N. A corpus-based analysis of coordinate structures in Libras. In: WEHRMEYER, E. (Org.) **Advances in sign language corpus linguistics**. John Benjamins Publishing Company, 2023.

QUADROS, R. M.; LUDWIG, C. R. Metodologia do Grupo INDLibras Alagoas, Ceará, Santa Catarina e Tocantins para a Análise das Articulações das Orações em Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Porto Das Letras*, Vol. 12, N. Especial, 2026, p. 28–52. <https://doi.org/10.20873.26lib2>

QUER, J.; CECCHETTO, C.; DONATI, C.; GERACI, C.; KELEPIR, M.; PFAU, R.; STEINBACH, M. (Eds.). **Sign Gram Blueprint**. A Guide to Sign Language Grammar Writing. Berlin/ Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2017.

RODRIGUES, A. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: Uma abordagem semântico-funcional. **Sensos-e**, VI(1), 2019, p. 90-103.

TANG, G.; LAU, P. Coordination and Subordination. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (orgs.), **Sign language. An international handbook**. p. 340–364. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012.

ZORZI, G. **Coordination and Gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. Tese Doutorado, Universitat Pompeu Fabra, 2018.